

O TRÂNSITO DE ALMAS NA CIDADE

Ressignificações e Práticas Religiosas de Trabalhadores em General Salgado¹

Eber Mariano Teixeira²

Resumo: Neste artigo, busco dialogar com trabalhadores que foram se constituindo na cidade de General Salgado, interior do estado de São Paulo na década de 1980, e, nesse processo de deslocamento para a cidade, foram forjando mudanças nos modos de viver e de crer, á medida que se converteram ao protestantismo. A partir de algumas questões postas no presente, é que voltamos ao passado para compreender estes processos em dimensões mais amplas no movimento da história e na relação presente-passado-presente.

Palavras-chave: Religiosidade, memória, trabalhadores, cidade.

Primeiras palavras...

Um homem que buscava o caminho da espiritualidade chegou ao sopé da Montanha. Da Verdade e quis saber qual era o caminho que o levaria à iluminação. Para cada homem santo a quem perguntava, obtinha uma resposta diversa. Depois de muito pensar, decidiu-se por um caminho e se convenceu que aquele era o único caminho que o levaria ao topo da Montanha. Depois de algum tempo, quando chegou lá, o homem olhou para baixo e viu que os caminhos que levavam ao topo, eram tantos, quantos eram as almas que procuravam a Montanha. (Parábola Zen- budista)

O campo religioso sofreu transformações nas últimas décadas que levaram à fragmentação institucional e à intensa circulação de pessoas pelas novas alternativas

¹ Este artigo é fruto de parte do trabalho desenvolvido na graduação na UNIJALES denominado: Memórias e Histórias de trabalhadores nordestinos em General Salgado (1960 – 2005) com apoio da FAPESP e do PIC UNIJALES.

² Mestrando em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

religiosas. A precariedade do engajamento das pessoas com as instituições religiosas e seus sistemas de crenças tem contribuído para a chamada crise das instituições tradicionais produtoras de sentido (BRANDÃO, 1994, p. 23-41). O campo religioso brasileiro não foge a esse contexto, explicitado no trânsito contínuo de fiéis que se movimentam em busca de novos significados.

A partir do diálogo com trabalhadores nordestinos que migraram da região de Paramirim, interior da Bahia, nas décadas de 1960, e, posteriormente, vieram para a cidade de General Salgado, interessei-me pelas experiências destes trabalhadores, as peculiaridades deste grupo no que se refere à opção religiosa, visto que muitos deles foram engrossando os movimentos religiosos de cunho protestante. A partir dessa questão, comecei a indagar sobre o sentido que tinha para estes moradores a mudança de religião e, respectivamente, a reelaboração de novos valores vivenciados por eles na cidade. Não só os valores na cidade, mas as memórias da terra natal, como as brincadeiras, os costumes, a religião, os modos de viver e crer. Durante as entrevistas, percebi que, na fala deles, a relação que fazem, partindo do presente ao passado, trazem dimensões de mudanças de vida, ao qual, neste artigo, denomino: Trânsito de almas na cidade.

Os trabalhadores nordestinos na cidade de General Salgado compõem suas memórias sobre as experiências vividas na cidade a partir do presente e projetam as imagens do passado. O historiador Alistair Thomson (1997) concebe “composição” como um termo adequadamente ambíguo para descrever o processo de construção de memórias, porém útil. Compomos nossas reminiscências para dar sentido a nossa vida passada e presente. De certa forma, nós a compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura. Para Portelli (1997), as composições das memórias podem existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar as lembranças. Se considerarmos as memórias como um processo e não depósito de dados, poderá se constatar que à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. As imagens produzidas pelas memórias são processos individuais, que ocorrem em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas.

Questionado sobre as festas, os momentos de lazer que participavam na Bahia, o entrevistado, Senhor João Dias, narra o seguinte:

A festa que tinha lá era da igreja de Santo Antônio. (...) Era uma festona, vinha um mundo de gente, uma festona mesmo. (...) Tinha bastante estes... Os missionários, muita crisma... Crismando, batizando, assim do mundo...Batismo de padre, bispo da parte deles...Tinha tudo essas coisas lá. (João Alvino Dias, 15/06/05).

Entre os princípios de sociabilidade que são os momentos em que as pessoas interagem na comunidade, uns com os outros, a narrativa mostra que as festas religiosas marcavam um encontro de milhares de pessoas na região de Paramirim, na Bahia. O interessante é compreender na narrativa do Senhor João Dias, a reelaboração dos valores e costumes religiosos os quais vivenciou neste período. Evidenciamos na fala do entrevistado, o conceito de “mundo”, pois, hoje, o senhor João pertence a uma Igreja Protestante³ e, possui toda uma interpretação reelaborada de seu passado enquanto participante da Igreja Católica. Ênfase a concepção da palavra “mundo” que o Senhor João Dias expõe no sentido de pecado, ou seja, todas as pessoas que não acreditam nos valores protestantes apropriados pelo Senhor João Dias fazem parte “assim do mundo”. Portanto, os padres, os bispos e toda festa tradicional católica, em nome de Santo Antônio, ficam registradas nas lembranças do entrevistado como uma experiência una, destes valores que, no passado, foram vivenciados.

Para o Senhor José Lopes, 75 anos, morador da cidade, a elaboração dos valores protestantes foi apropriado, com muita comemoração, pois relata que “foi ali, na igreja, antes disso, eu era católico... fui me convertendo e Deus foi fazendo a obra, parei de fumar e tudo”. No contexto, a conversão significou uma mudança de hábito e, conseqüentemente, os dogmas da religião impuseram resistências a todo e qualquer tipo de vícios. Isso fez com que o Senhor José Lopes atribuísse o significado da mudança a Deus. Neste sentido, ao se converter, conheceu um novo valor, ressignificou costumes e, conseqüentemente, permitiu que “novos significados, novas práticas, novas relações

³ A Igreja que o Senhor João Dias frequenta denomina-se: Assembléia de Deus, Ministério Vila Alpina, sede São Paulo, uma igreja tradicional no Brasil, de caráter Pentecostal, cuja corrente possui aproximadamente quatro milhões de fiéis em todo o país.

e tipos de relações passaram a ser continuamente criados” por este trabalhador. (WILLIAMS, 1979, p. 126.)

Ao entrevistar o Senhor Catolino Rodrigues Vieira, com 79 anos, ele narrou sobre determinado evento da sua conversão do catolicismo para o protestantismo, relacionado às mudanças de lugar e às condições de vida. Segundo o Senhor Catolino:

Não, eu converti, aqui, eu converti em 54, eu tinha 28 anos. Em Urânia. Eu morei em Urânia, uns par de ano. Naquele tempo, ninguém falava no evangelho. Foram uns homens aqui de Salgado, até já faleceu os dois já, que eles que anunciou o evangelho pra mim, em 56. Nós moravam vizinho perto. Naquele tempo, eu tinha um butequim, tinha um campo de bótia, e bebia umas pinguinhas. Eles viam assim, eles gostavam de mim, porque eu tocava com eles volume de roça, no ano que eles anunciou pra mim eu colhi 70 volume de arroz e 700 arroba de algodão. Eu era toruba pra trabaia, também não era só buteco não. Chegava, à tarde, assim dia de domingo, feriado, então, eu ponhava a turma pra jogá bótia e vendia pinga pra eles. Eles via aquilo lá, achou o jeito de mim que podia ser crente, né, aí anunciou pra mim, mas eu levei oito anos pra batizá. Eu congregava, NE, toda vida minha igreja foi a congregação. Aí, eu continuei indo na igreja junto com eles, filhos gostavam, a palavra falava comigo. Aí, depois, foi em 64, aí, voltei da Bahia outra vez, foi uma viagem doida que eu fiz, aí, eu já tinha uns quatro filhos. Peguei minha mudança, vendi tudo, vendi 700 arroba de algodão, vendi uns 130 saco de arroz, vendi a mudança tudo e peguei e fui lá pra Bahia. Cheguei lá, fiquei 99 dias e voltei pra trás, outra vez, aí, foi quando eu cri, né, eu vi que eu tava sofrendo demais, porque era desobediente, né. Aí, lembrava aquela passagem de Jó nas escrituras, que Deus tirou Jó da mão diabo, que o diabo foi sarandá com ele. Aí, eu falei: eu tô na posição de Jô, né, e é o diabo que tá comigo, porque o crente fala assim, quando eles vão fazer uma viagem, eles ora a Deus, né, se Deus permitir, ele faz! Se não, ele fica em paz.! Eu não orei a Deus coisa nenhuma, eu saí por meu destino, por isso que eu sofri muito. Aí, eu cri, eu cri, cheguei, fui fazer uma casa, e fui derrubar dois alqueires de mato, pra fazer uma roça e sofri, aí foi quando eu cri, mas cri mesmo por dor né, porque por amor não teve jeito não, mas por dor, aí, eu obedeci, NE, e, graças a Deus já tá pra 45 anos que eu batizei. (Catolino Rodrigues Vieira, 12/09/2006).

As imagens produzidas pelas memórias do Senhor Catolino sobre a experiência de sua conversão, se inserem num processo de resignar valores na busca de melhores condições de vida, seja material ou espiritual. Segundo o trabalhador, quem pregou ou anunciou para sua conversão foram dois homens que pertenciam à cidade de General Salgado. Num período anterior, porém, estes trabalhavam juntamente com ele na roça, e

moravam na cidade de Urânia, como vizinhos. O ano que os dois homens anunciaram o evangelho para o Senhor Catolino, está relacionado em sua memória como o ano em que colheu 70 volumes de arroz e 700 arrobas de algodão. Ao rememorar esse evento, dá a ele sentidos, significações que o tornam parte de um processo ativo em sua vida cotidiana.

Nas memórias de Catolino, sua conversão está relacionada às suas atividades do campo, são delineadas pelas colheitas, no mundo do trabalho e estrutura sua narrativa a partir desses eventos; no ano de 1964, resolveu vender tudo o que possuía para voltar à Bahia.

Será que realmente o Senhor Catolino vendeu 700 arrobas de algodão, ou os 130 sacos de arroz e voltou para o Estado de São Paulo depois de 99 dias? O que significa em sua trajetória ir para a cidade em que morava no Estado da Bahia e voltar depois de 99 dias? Alessandro Portelli (1993, p. 41) nos remete a pensar sobre “a atitude do narrador em relação à subjetividade, a imaginação e ao desejo que cada indivíduo investe em sua relação com a história.”

As redes de sociabilidade que Dona Áurea, esposa do Senhor Catolino, já tinha feito com a vizinhança, amigos e parentes, foi um dos fatores decisivos para retornar para o Estado de São Paulo, na cidade de Urânia onde moravam neste período. As condições materiais que Catolino foi para a Bahia favoreceu nos primeiros meses um conforto/estabilidade para sustentar sua família. O retorno de Sr. Catolino e sua família são justificados pelas dificuldades em adquirir emprego na cidade, depois que o dinheiro acabou. Mas, o que levou o Senhor Catolino a narrar em suas memórias a experiência deste evento na trajetória de sua vida, em que ele chama de “viagem doida”? Estas modificações revelam o esforço do narrador em buscar sentido no presente – passado para dar forma à sua vida, que, logo a seguir, narra sobre sua conversão religiosa - e também colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. (PORTELLI, 1997).

A experiência de conversão se deu, para o senhor Catolino, depois que voltou da Bahia. Segundo ele, a viagem foi uma desobediência a Deus, já que não tinha feito uma oração para saber se Deus permitiria. A partir do presente, ele ressignifica sua experiência na passagem bíblica de Jó e, neste diálogo, E. P. Thompson (1987, p. 278-279), ao nos privilegiar com sua explicação sobre o “fazer-se” da classe operária inglesa, toma a religião como elemento nesse processo formação, ao alertar que

Nenhuma ideologia é inteiramente absorvida por seus partidários: na prática, ela multiplica-se de diversas maneiras, sob o julgamento dos impulsos e das experiências (...) Entretanto, dispersos pela bíblia, haverá textos explicáveis a quase todos os contextos, que podiam provavelmente tanto o contexto de luta de classes quanto o da peregrinação espiritual.

Ao incorporar – apropriar a leitura da passagem bíblica, o trabalhador estabelece relações com a explicação da experiência vivenciada no processo de deslocamento que julga ter sido uma desobediência e, ao mesmo tempo, uma aprovação de Deus como no episódio da passagem bíblica de Jó. Assim, depois de “sofrer”, como diz Catolino, veio o batismo e sua conversão à Igreja Congregação Cristã no Brasil, na qual esta até hoje.



FOTO 01: Senhor Catolino Rodrigues Vieira, 79 anos, e sua esposa, Dona Áurea Ana da Cruz Vieira, na sala da casa onde mora o casal. Acervo do autor, outubro – 2006.



FOTO 02: Sala da casa do Senhor Catolino e da Dona Áurea, a estante com vasos de flores, a bíblia e o hinário.

A foto tirada mostra um pouco os modos de viver e morar do casal em sua casa, onde, na sala, só possuem um sofá e o pequeno balcão com os arranjos de flores na parte de cima e, também, na parte de baixo. A bíblia e o hinário ficam no balcão. Não possuem televisão, pois a doutrina da Igreja não a permite assistir, pois segundo a doutrina da Congregação Cristã do Brasil e a fala do Senhor Catolino “a televisão é o mundo e o crente tem que ser separado do mundo”.

A perspectiva adotada sobre as memórias dos trabalhadores nordestinos está fundamentada no diálogo elaborado por Alistair Thomson (1997, p. 56), em que o autor insiste que a “composição das reminiscências para dar sentidos à vida passada e presente, as pessoas expõem publicamente seu passado e utilizam-no como apoio constante ao processo de significação às experiências pessoais”.

Dona Geraldina, ao relatar suas memórias, seleciona alguns elementos para reconstruir sua narrativa oral e, por extensão, a identidade que deseja pública revela-se uma exímia narradora.

Se for pra mim contar de religião, de doutrina, não de crente que, naquele tempo, não existia crente lá. Mas de religião, de doutrina, de disciplina, de criação, modo de viver, esse mundo pra mim já acabou. E acabou mesmo. Que eu tô vivendo agora já acabou... eu tô noutro mundo. O que eu nasci e criei acabou, acabou. Não dá pra encarar, dá pra tristeza, sabe, tem hora que eu olho, tem tristeza, se for como eu fui criada, senhor, se for como eu fui ensinada, como minha mãe me levava nos lugar de doutrina, de conserta, de comunga, lá fala reza aqui fala canta, de reza, eu já fui uma boa rezadeira, eu não tenho vergonha, eu cantava, eu rezava, eu batia caixa (caixa pra samba risadas) Óia, esse mundo já acabou, a honestidade que era naquele tempo, o respeito, o modo das muié viver, pra mim acabou tudo, pra mim acabou tudo, tudo, tudo acabou. Nasceu de novo, agora, o que nasceu de novo pro bem ou pro male, isso aí pertence a Deus, mas, pra mim, eu acho que, se aquele caminho lá que eu criei era para o bem, pois este de agora pode sair com a peneira cercando pra alcançar algum E, aquele lá, foi o tempo, pois este de agora pode sair com a peneira. Eu já falei: se Deus não tivé dó como um pai de piedade, Deus não dá o perdão, ele dá, ele é bonzinho, eu sei que dá o perdão, mas se ele não dé, pode aumentar o inferno, porque não vai cabê. (Senhorinha Geraldina Santana, 29/01/2006).

As memórias de Dona Geraldina levaram-me a compreender como os sujeitos atribuem significados dentro de uma experiência social, partindo da reflexão presente – passado-presente. Dona Geraldina deixa claro em sua narrativa que “crente”, ou seja, os protestantes não existiam na região em que morava. Porém, a entrevistada, ao relembrar os valores e costumes praticados na terra natal, faz uma interlocução com o presente, pois os valores vivenciados hoje, para Geraldina, “acabou”. Diferente da concepção de “mundo” elaborado pelo senhor João Dias, a entrevistada remete uma concepção ao sentido de “mundo” mais abrangente: religião, doutrina, disciplina, criação, modos de viver, todas essas práticas e valores vivenciados desde a infância, não condiz com a realidade vivida e vista pela entrevistada no presente, portanto; “esse mundo pra mim já acabou”.

Na entrevista, Dona Geraldina é bastante irônica, de certa maneira até crítica. Fica evidente quando narra que “eu começo na Igreja dos católicos acabou... se eu for contá como que eu fui criada”, “lá fala reza, aqui fala canta”, “fui uma boa rezadeira” cantava, rezava, batia caixa, “meus Deus o que é que tem aqui?” Ao evocar a fala a uma interrogativa, a entrevistada remete uma crítica aos valores, costumes e dogmas da igreja nos dias atuais, pois “o que é que tem aqui?” Segundo Dona Geraldina, acabou a

honestidade, o respeito, ela não concorda com os padres nos dias atuais, andando de camiseta cavada e bermuda. Assim, vai delineando nas lembranças os valores praticados no passado, como os modos que aprendeu sobre as doutrinas, as maneiras de cantar e rezar, são memórias de um tempo que Dona Geraldina relembra com saudade e que, segundo ela, se “acabou” nos dias atuais, que vivencia na velhice.

Embora Dona Geraldina rompa no tempo presente com os valores que vivenciou no passado, suas memórias evocam uma interpretação interessante sobre suas experiências vivenciadas ao longo de sua trajetória. A honestidade e o respeito surgem como valores atribuídos e comparados com os momentos atuais de corrupção e desrespeito principalmente o último termo ao qual na velhice se sentem desrespeitados pelos mais novos.

Segundo Alistair Thomson (1997, p. 76) “as mudanças que ocorrem na vida de uma pessoa e em sua identidade, com o passar do tempo, possibilita lembranças de coisas novas.” A experiência da velhice é frequentemente um tipo específico de experiência em relação à lembrança. Psicólogos falam a respeito de retrospecto da vida. Um novo processo de recordar que, às vezes, acontece com pessoas idosas. Talvez, seja uma das razões por que Dona Geraldina vive um momento de sua vida que é necessário refletir sobre tudo o que vivenciou e está vivenciando, inclusive as dificuldades da idade, as situações do cotidiano, a solidão. Dona Geraldina mora numa casa com uma filha, uma neta e seu genro, e situações conflituosas fazem parte do seu dia a dia.

Problematizando ainda a narrativa de Dona Geraldina, enfatiza que os valores pelos quais ela foi criada eram para o “bem”, elucidando, portanto, uma construção da memória de um tempo que já se foi e não existe mais, fragmentando a relação tempo – espaço. No final de sua fala, deixa claro que, se “Deus não tiver piedade e não der o perdão” no que se refere aos valores atribuídos na concepção da entrevistada no tempo presente, as memórias da trabalhadora evocam a lembrança do mito sobre “Satanás”, quando diz que “pode aumentar o inferno, porque não vai cabê”.

É importante ressaltar que, na narrativa de Dona Geraldina, o apego aos valores tradicionais da família, de respeitabilidade, de autovalorização e de busca de reconhecimento social ainda se mantém e transparece em alguns trechos de sua fala. Ao mesmo tempo, demonstra seu esforço para se integrar aos costumes urbanos vividos na cidade.

A conjuntura exposta acima é o indicador da complexidade dos modos de vida que esses moradores organizam e reorganizam, suas diferentes manifestações religiosas em seu cotidiano. Se pensarmos em dimensões mais amplas, o fenômeno da globalização e o processo de secularização e seus derivados, como a periferização da religião, o pluralismo religioso, a crise das instituições religiosas (inclua-se aqui a chamada crise de vocações), são elementos que viabilizam essa relativa autonomia dos sujeitos em relação às instituições religiosas. Ao atentarmos para como esses trabalhadores atribuíram sentidos e significados às suas experiências religiosas, podemos compreender essas mudanças de forma ampla que vão se constituindo/instituindo na cidade, por outros moradores. Desse modo, é possível salientar que o resultado disso é um Deus metamorfoseado, constituído da multiplicidade simbólica que só a experiência do trânsito proporciona. Um Deus híbrido, pouco ortodoxo, redesenhado a lápis, cujos contornos podem ser apagados e refeitos de acordo com a novidade da próxima experiência, proporcionando uma permanente reinvenção do sagrado e novas atribuições de significados - ressignificados à prática religiosa pentecostal e/ou neopentecostal na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, C. R. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994 p. 23-41.
- PORTELLI, A. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: Revista Projeto História 14: **Cultura e Representação**. São Paulo: EDUC, 1997a.
- THOMPSON, E. P. **Formação da Classe Operária Inglesa** (Maldição de Adão), Tomo II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. Revista Projeto História 15. **Ética e história oral**. São Paulo: Educ, 1997.
- WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.